Língu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística ISSN 2317-2320
Vitória da Conquista, v. 14, n. 1, p. e-20524, jan/dez. 2026

O uso estratégico de falácias no discurso religioso cristão contemporâneo: efeitos de verdade e transformação do ethos

The strategic use of fallacies in contemporary Christian religious discourse: truth effects and the transformation of ethos

DOI: 10.22481/lnostra.v14i1.20524

Claudecir Jose Jaques[1]
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
E-mail: claudecirjaques@gmail.com

Iara Lopes da Silva[2]
Universidade Gama Filho - RJ
E-mail: lopesdasilvaiara@gmail.com

Cezar Luís Seibt[3]
Universidade Federal do Pará - PA
E-mail: celuse@ufpa.br

Resumo

Este artigo analisa o funcionamento de falácias argumentativas na construção do ethos e na produção de efeitos de verdade no discurso religioso cristão contemporâneo em contexto midiático. A pesquisa é constituída por excertos de discurso proferido pelo pastor Silas Malafaia durante o evento The Send (2026), conforme transcrição publicada na Revista Fórum. A pesquisa articula fundamentos da lógica aristotélica, especialmente o princípio da não-contradição e a noção de demonstração, com contribuições da tradição clássica sobre a sofística e com aportes da Análise do Discurso de linha francesa. Nesta construção analítica, as teorias foulcaultianas ajudam a entender os processos de subjetivação que ocorrem nessas relações de autoridade e de sentido que se estabelecem nos meios religiosos e nos discursos de convencimento e arrebanhamento. A metodologia adotada é qualitativa e interpretativa, combinando identificação de falácias (generalização excessiva, falsa dicotomia, apelo ao medo e construção de espantalho) com análise da construção do ethos e dos efeitos de verdade produzidos pelos enunciados. Os resultados indicam que as falácias não operam apenas como desvios da lógica formal, mas como dispositivos estratégicos de persuasão, capazes de produzir adesão, consolidar autoridade simbólica e naturalizar categorias ideológicas. Conclui-se que a articulação entre lógica, retórica e discurso oferece um instrumental teórico relevante para a compreensão crítica da persuasão religiosa contemporânea.

[1] Nascido em 1971, no município de Palma Sola SC. Casado, pai de Tarsila e Vinícius. Professor Habilitado em Filosofia e Mestre Ciências da Religião pela PUC-Goiás.
[2] Nascida em 1981, no município de Xanxerê SC. Casada e mãe de Tarsila e Vinícius. Professora Habilitada em Letras Português e Literatura e Pós-graduada em Docência do Ensino Superior.
[3] Nascido em 1970, no município de Cândido Godoi RS. Graduado e Doutorado em Filosofia pela PUC-RS. Professor Titular na UFPA.

Palavras-chave: Falácias argumentativas; Ethos; Discurso Religioso; Efeitos de verdade; Análise do discurso.

Abstract

This article examines how argumentative fallacies operate in the construction of ethos and in the production of truth effects within contemporary Christian religious discourse in media contexts. The experience consists of excerpts from a speech delivered by Pastor Silas Malafaia during the event The Send (2026), as transcribed in Revista Fórum. The study articulates Aristotelian logical foundations, particularly the principle of non-contradiction and the concept of demonstration, with classical reflections on sophistry and contributions from French Discourse Analysis. In this analytical framework, Foucaultian theories help to understand the processes of subjectivation that occur within those relationships of authority and meaning established in religious settings, as well as in discourses aimed at persuasion and the gathering of followers. The methodology is qualitative and interpretative, combining the identification of fallacies (overgeneralization, false dichotomy, appeal to fear, and straw man) with an analysis of ethos construction and truth effects generated by the statements. The findings indicate that fallacies function not merely as deviations from formal logic but as strategic persuasive devices capable of producing adherence, consolidating symbolic authority, and naturalizing ideological categories. The study concludes that integrating logic, rhetoric, and discourse analysis provides a relevant theoretical framework for critically understanding contemporary religious persuasion.
Keywords: Fallacies; Ethos; Religious discourse; Truth effects; Discourse analysis.

1 INTRODUÇÃO

O discurso religioso cristão contemporâneo, especialmente em sua circulação midiática, tem assumido formas argumentativas que mobilizam intensamente categorias identitárias, afetivas e ideológicas. Em contextos de alta polarização[4] social, líderes religiosos passam a ocupar não apenas o lugar de mediadores espirituais, mas também de intérpretes da realidade política e cultural, produzindo enunciados que reivindicam estatuto de verdade.

Nesse cenário, observa-se a recorrência de estratégias argumentativas que, sob a aparência de evidência imediata, operam por generalizações, simplificações e construções dicotômicas do real. Tais mecanismos aproximam-se do que a tradição lógica[5], desde Aristóteles, denomina falácias, formas argumentativas que produzem efeito de validade sem necessariamente sustentarem-se em encadeamentos lógicos rigorosos.

[4] Polarização não é um privilégio brasileiro, é um fenômeno alastrado pelos cinco continentes, especialmente no campo político, mas não só, com um viés religioso e competitivo. Religioso porque tem os conceitos de bem e mal que categorizam os concorrentes. Competitivo porque, semelhante à uma disputa esportiva, parece só haver dois lados, o nosso e o do rival direto, como os clássicos esportivos. Dois pólos em disputa para saber qual lado é detentor da suposta verdade ou, de forma mais simples, para ver quem é melhor.

[5] A tradição lógica filosófica é o ramo da filosofia que estuda os princípios, as estruturas formais e os critérios do raciocínio válido e da argumentação correta.

Entretanto, mais do que identificar erros formais de raciocínio, interessa aqui compreender o funcionamento discursivo dessas estratégias: como produzem adesão? Como constroem a imagem do enunciador? De que modo instauram efeitos de verdade?

Este artigo propõe analisar a construção do ethos e os efeitos de verdade produzidos por meio de falácias argumentativas no discurso religioso cristão contemporâneo, tomando como estudo de caso uma fala pública do pastor Silas Malafaia durante o evento The Send, realizada em fevereiro de 2026.

A hipótese que orienta esta investigação é que determinadas falácias, como generalizações excessivas, falsas dicotomias e apelos ao medo, não operam apenas como desvios lógicos, mas como mecanismos de construção de autoridade discursiva e de interpelação ideológica do público, configurando um ethos de liderança protetora diante de uma ameaça social difusa. Neste ponto, faz sentido incluir a teoria da subjetivação de Foucault, para entender melhor os processo de construção do sujeito que direcionam a vida, a mentalidade e ação das pessoas que moldadas e, com perdão da redundância, subjetivadas.

Para tanto, articula-se nesse artigo a tradição retórica clássica à perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente a partir das contribuições de Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau, a fim de compreender como tais enunciados se inscrevem em formações discursivas[6] específicas e produzem efeitos de evidência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 FALÁCIA E TRADIÇÃO LÓGICA: FUNDAMENTOS ARISTOTÉLICOS

A tradição ocidental de análise dos argumentos encontra em Aristóteles(2002) seu marco fundador. Ao estabelecer os princípios da lógica formal, o filósofo define as condições de possibilidade do raciocínio válido. Entre esses fundamentos, destaca-se o princípio da não-contradição[7], formulado na Metafísica: “É impossível que o mesmo atributo pertença e não pertença ao mesmo tempo ao mesmo sujeito e sob o mesmo aspecto” (Livro IV, p. 19-20). Tal princípio constitui a base ontológica da racionalidade: não se pode afirmar e negar simultaneamente a mesma propriedade sob as mesmas condições. A coerência do discurso depende dessa estabilidade mínima do sentido.

[6] O discurso neste artigo é um dos elementos ou recursos mais trabalhados. O discurso aqui, é interpretado como uma construção lógica falaciosa intencional para um resultado pragmático de transformação.
[7] Os princípios da lógica de Aristóteles são três: além da não-contradição (explicado no texto), tem o da identidade (onde as coisas só são idênticas a si mesmas), ainda tem o do terceiro excluído (onde as coisas são A ou B e não C), ou seja, não há possibilidade para o famoso meio-termo.

Nos Analíticos Anteriores, Aristóteles (2016, p. 18–20) define o silogismo[8] como modelo do raciocínio demonstrativo: "Um discurso em que, dadas certas coisas, outras coisas se seguem necessariamente, por causa daquelas, das coisas supostas". A validade do argumento reside, portanto, na necessidade lógica que liga premissas e conclusão.

Entretanto, ao tratar das práticas sofísticas, Aristóteles (2016) reconhece a existência de raciocínios que imitam a forma lógica sem respeitar sua substância demonstrativa. Em Refutações Sofísticas, ele observa:

> "...a arte do sofista é, como dissemos, uma espécie de arte de fazer dinheiro graças a uma sabedoria aparente... pois a arte do sofista é certa aparência de sabedoria sem a realidade... Pois [o sofista] raciocina em falso a partir dos mesmos princípios de que se utiliza o dialético... se o motivo que o inspira é a aparência da vitória, será erístico; se tem em vista a aparência de sabedoria, será sofístico." (Refutações Sofísticas, p. 165a).

A distinção é crucial: o sofista não ignora os princípios do raciocínio; ele os simula. O erro não está na forma externa do argumento, mas na finalidade e na manipulação dos encadeamentos discursivos para produzir vitória retórica ou aparência de saber.

Essa herança conceitual permite compreender as falácias não apenas como falhas técnicas, mas como estratégias que exploram a aparência de necessidade lógica. A tensão entre demonstração e persuasão já se encontra delineada no pensamento aristotélico e permanece atual quando analisamos discursos contemporâneos que reivindicam autoridade e verdade.

2.2 ETHOS E CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE DISCURSIVA

O conceito de ethos também tem origem na retórica aristotélica. Para Aristóteles, o ethos constitui um dos três modos de persuasão (pisteis), ao lado do logos (argumentação racional) e do pathos (mobilização das emoções). O ethos refere-se à imagem de caráter construída pelo orador no próprio discurso, imagem essa que fundamenta sua credibilidade diante do auditório.

Na tradição contemporânea, especialmente nos estudos de Dominique Maingueneau, o ethos é compreendido como efeito discursivo: não se trata da personalidade empírica do sujeito, mas da figura enunciativa construída na materialidade do texto. O enunciador produz uma cena de enunciação que legitima sua palavra, configurando-se como autoridade moral, intelectual ou espiritual.

[8] Silogismo clássico de Aristóteles: Todo homem é sábio; Sócrates é homem: logo, Sócrates é sábio. No silogismo, a conclusão liga as duas premissas e para ser uma sentença verdadeira, a conclusão precisa ser necessária.

Nesse sentido, o ethos religioso contemporâneo frequentemente se estrutura como: ethos de guia espiritual; ethos de líder protetor; ethos de combatente moral. Tais construções não são externas ao argumento; ao contrário, articulam-se diretamente às estratégias argumentativas mobilizadas. Uma generalização excessiva ou um apelo ao medo, por exemplo, pode reforçar a imagem de um enunciador vigilante que denuncia ameaças invisíveis.

2.3 EFEITOS DE VERDADE E INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA

A noção de "efeito de verdade"[9] desloca a análise da oposição simplista entre verdadeiro e falso para o campo das condições de produção do discurso. Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente a partir de Michel Pêcheux, o sentido não é transparente nem neutro; ele resulta de formações discursivas e ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito em determinado contexto histórico.

Nessa direção, Pêcheux destaca que "as palavras, expressões e proposições mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam" (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Tal formulação permite compreender como enunciados aparentemente evidentes são, na realidade, efeitos de posicionamentos discursivos inscritos em formações ideológicas específicas. Além disso, todo discurso é atravessado pela ideologia, o que implica reconhecer que os efeitos de verdade não são neutros, mas vinculados a processos de interpelação dos sujeitos.

O efeito de verdade emerge quando um enunciado se apresenta como evidente, naturalizado, dispensando justificativas adicionais. Tal evidência não decorre apenas da estrutura lógica do argumento[10], mas de sua inscrição em um campo ideológico compartilhado. A repetição categórica, o uso de pronomes de interpelação ("você", "nós"), a construção de um inimigo comum e a dramatização de ameaças são recursos que contribuem para essa produção de evidência.

A pesquisadora Ruth Amossy (2018, p. 27), corrobora com esta pesquisa à medida em que também salienta a importância estratégica dos discursos na construção de sentido. Ela ressalta que todo discurso possui uma dimensão argumentativa, ainda que não se apresente

[9] O efeito de verdade na Análise do Discurso (AD) é a ilusão ou a percepção de que um discurso transmite a realidade dos fatos de forma neutra, transparente e objetiva, quando na verdade ele é uma construção histórica, social e ideológica.

[10] Argumento é uma ideia ou um conjunto de ideias usadas para provar, defender, justificar ou refutar um ponto de vista com o objetivo de convencer alguém. Na AD, é um dos principais instrumentos ou recursos para a construção do discurso.

explicitamente como argumentação formal. Ao orientar modos de ver, sentir e agir, o discurso mobiliza estratégias retóricas e argumentativas que visam à adesão do interlocutor. Nesse quadro, as falácias podem ser compreendidas não apenas como erros lógicos, mas como procedimentos discursivos eficazes, socialmente reconhecidos, que exploram crenças compartilhadas, emoções e relações de autoridade para produzir efeitos de verdade. Noutro texto ela desenvolve melhor essa ideia de forma mais clara e didática. Diz a autora:

> [...] a noção de ethos se desenvolveu de forma articulada à de cena de enunciação. Se cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, o locutor pode escolher mais ou menos livremente sua cenografia. No discurso político, por exemplo, o candidato de um partido pode falar a seus eleitores como homem do povo, como homem experiente, como tecnocrata etc. É nesse contexto que a noção de ethos adquire, para Maingueneau, toda sua importância. (AMOSSY, 2005, p. 16)

A estratégia da locução com lugar de fala[11], atribui ao locutor um poder e um efeito imediato avassalador. Os ouvintes ou espectadores confiam, valorizam e dizem 'amém' e, no caso estudado por esta pesquisa, esse amém é literal, pois é a forma clássica dos fiéis demonstrarem concordância com o exposto no púlpito[12]. O aparente lugar de fala que o locutor se atribui quando ele diz, num exemplo hipotético, aqui quem vos fala é um ministro de Deus ou coisa semelhante, gera um poder e constrói uma total obediência ou adesão. O público ali presente já está pré-disposto a ouvir e seguir. Então, fica muito fácil a construção de um sentido que transformará ou manterá o status quo[13] e o ethos pretendido.

A noção pode ser aprofundada a partir de Foucault[14], para quem a verdade é produzida nas relações de poder. Como afirma o autor,

> "Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: quer dizer, os tipos de discurso que ele acolhe e faz funcionar como verdadeiro; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiro ou falso, a maneira pela qual se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o papel de dizer o que funciona como verdade (1994d, p. 158)." (FOUCAULT, 2013, p. 12).

Nesse sentido, os discursos analisados participam da produção de regimes de verdade que definem o que deve ser reconhecido como legítimo e evidente.

[11] O lugar de fala é usado aqui como aquele ambiente em que o locutor vive, domina e lhe dá autoridade da fala.
[12] Púlpito é uma plataforma elevada ou suporte usado por oradores, padres ou pastores para pregar, ler textos sagrados ou falar a um público ou grupo de fiéis.
[13] Status quo é uma expressão em latim que significa "o estado atual das coisas" ou a situação em que as coisas se encontram em um determinado momento.
[14] Michel Foucault, influente filósofo, historiador das ideias e teórico social francês, nascido em 1926 e falecido em 1984, revoluciona a análise do discurso ao provar que a linguagem não é neutra, mas uma prática histórica e social ligada diretamente ao poder.

Nessa perspectiva, as falácias deixam de ser compreendidas exclusivamente como falhas racionais e passam a ser analisadas como dispositivos discursivos que participam da constituição de sujeitos e da consolidação de posições ideológicas. Ao interpelar o ouvinte como vítima potencial de um sistema opressor ou como membro de um grupo moralmente ameaçado, o discurso religioso produz identificação e adesão, instaurando um regime de verdade que opera mais pela evidência afetiva do que pela demonstração lógica.

A distinção aristotélica entre demonstração, dialética e sofística oferece, portanto, uma matriz conceitual para pensar as falácias como formas argumentativas que operam na fronteira entre validade e aparência de validade. Contudo, deslocar essa discussão para o campo dos discursos sociais contemporâneos exige uma inflexão teórica.

Se, na tradição lógica, a questão central reside na conformidade formal do raciocínio aos princípios de não-contradição e necessidade silogística, na perspectiva discursiva interessa compreender como determinados encadeamentos produzem efeitos de evidência independentemente de sua estrutura demonstrativa. Em outras palavras, a pergunta deixa de ser "o argumento é logicamente válido?" para tornar-se "como esse argumento funciona na produção de adesão e de verdade?".

Nesse ponto, a reflexão aproxima-se da retórica e da análise do discurso. Já em Aristóteles, o logos não atua isoladamente, mas em articulação com o ethos e o pathos. A eficácia do discurso depende da imagem que o enunciador constrói de si e da mobilização afetiva do auditório. Assim, mesmo quando o encadeamento lógico é frágil, a força persuasiva pode se manter, ou até se intensificar, pela ativação de mecanismos identitários[15] e emocionais.

Ao transpor essa problemática para o discurso religioso midiático contemporâneo, torna-se necessário considerar que as chamadas falácias não operam apenas como desvios racionais, mas como dispositivos de construção de autoridade e de interpelação ideológica. Nesse sentido, a análise se afasta de um julgamento normativo e aproxima-se de uma investigação sobre os modos de funcionamento do discurso, suas condições de produção e os efeitos de verdade que produz.

É precisamente nesse deslocamento que a contribuição da Análise do Discurso de linha francesa[16] se torna fundamental, ao permitir compreender como certos enunciados adquirem

[15] Mecanismos identitários referem-se aos processos psicológicos, sociais e culturais pelos quais uma pessoa ou um grupo constrói, define e mantém a sua identidade. Eles determinam como nos enxergamos e como nos diferenciamos dos outros no mundo.

[16] A Análise do Discurso de linha francesa é uma corrente teórica, iniciada na França, que estuda a linguagem não apenas como um sistema formal, mas como um efeito de sentidos produzido entre sujeitos em determinadas

estatuto de evidência, naturalizando posições ideológicas e consolidando formas específicas de subjetivação.

A partir do percurso delineado, observa-se que a noção de falácia, longe de restringir-se a um erro formal de raciocínio, inscreve-se numa tradição que articula lógica, retórica e práticas sociais de enunciação. Em Aristóteles, encontram-se os fundamentos da distinção entre demonstração necessária e aparência de demonstração, bem como a compreensão de que a persuasão envolve não apenas o logos, mas também a construção do ethos e a mobilização do pathos.

Ao deslocar essa problemática para o campo da Análise do Discurso, especialmente nas contribuições de Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau, a questão deixa de se limitar à validade formal e passa a considerar os efeitos de sentido produzidos nas condições históricas de enunciação. As falácias, nesse horizonte, podem funcionar como dispositivos de simplificação do real, de polarização simbólica e de produção de evidência, contribuindo para a construção de um ethos de autoridade e para a consolidação de determinados regimes de verdade.

Essa articulação teórica orientará a análise do discurso religioso midiático selecionado, buscando compreender não apenas se os argumentos apresentados respeitam a estrutura lógica aristotélica, mas sobretudo como produzem adesão, interpelam sujeitos e instauram efeitos de verdade no espaço público contemporâneo.

3 OBJETO DE PESQUISA E ANÁLISE

3.1 O QUE SERÁ ANALISADO?

O objeto desta pesquisa é constituído por um excerto de discurso proferido pelo pastor Silas Malafaia[17] durante o evento evangélico The Send[18], realizado em fevereiro de 2026. A fala analisada foi divulgada em matéria jornalística publicada pela Revista Fórum, contendo trechos transcritos do pronunciamento.

O recorte selecionado concentra-se em enunciados nos quais o líder religioso afirma que estudantes estariam sendo “enganados” por professores e submetidos a um suposto “controle

condições sócio-históricas e ideológicas. Apesar de se referir de forma genérica, há nesse artigo um grupo reduzido de autores que são citados no texto. Não há aqui um reducionismo da AD, mas uma seleção adequada.

[17] Silas Malafaia é um pastor evangélico neopentecostal brasileiro, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e uma das figuras religiosas e políticas mais influentes do país.

[18] The Send Brasil realizou sua maior edição em 31 de janeiro de 2026, reunindo mais de 300 mil pessoas de forma simultânea em cinco grandes estádios nas cinco regiões do país.

do pensamento pelo marxismo cultural", além de mencionar perseguição simbólica a indivíduos contrários a determinadas pautas morais.

A escolha desse excerto justifica-se por apresentar, de forma condensada, elementos centrais à hipótese da pesquisa: a) generalizações amplas dirigidas a categorias sociais ("professores", "escolas"); b) construção de ameaça ideológica difusa; c) interpelação direta do público por meio do pronome "você"; e d) mobilização de polarizações morais.

Trata-se de discurso público, proferido em evento de grande visibilidade e circulação midiática, o que o insere no espaço ampliado da esfera pública contemporânea. Sua natureza pública dispensa procedimentos de anonimização, uma vez que o enunciador ocupa posição social institucionalizada e reconhecida.

3.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise fundamenta-se na articulação entre tradição retórico-argumentativa e Análise do Discurso de linha francesa, observando a identificação de falácias, a construção do ethos e a produção de efeitos de verdade por meio de leitura qualitativa interpretativa.

Em primeiro lugar, identificam-se estruturas argumentativas que se aproximam de categorias tradicionalmente classificadas como falácias, tais como: generalização excessiva; falsa dicotomia; apelo ao medo (argumentum ad metum); possível construção de espantalho[19]. Não se trata, contudo, de aplicar uma grade normativa de correção lógica, mas de observar como tais estruturas produzem aparência de evidência e reforçam a posição enunciativa do orador.

Em segundo lugar, examina-se a construção do ethos, entendida como imagem discursiva do enunciador. Serão observados: marcas de interpelação direta; construção de autoridade moral; encenação de papel protetivo ou combativo; posicionamento diante de um inimigo coletivo.

Por fim, analisa-se a produção de efeitos de verdade, considerando: naturalização de determinadas categorias ideológicas; apagamento de mediações argumentativas; construção de evidência por repetição e categorização ampla; constituição de sujeitos interpelados como vítimas ou resistentes.

[19] A falácia do espantalho acontece quando alguém distorce, exagera ou inventa o argumento de outra pessoa para torná-lo mais fraco e fácil de atacar.

A análise será conduzida por meio de leitura qualitativa interpretativa, privilegiando o funcionamento discursivo dos enunciados em seu contexto sócio-histórico de circulação.

4 ANÁLISE DO OBJETO PESQUISA

4.1 "VOCÊ ESTÁ SENDO ENGANADO NA ESCOLA": GENERALIZAÇÃO E INTERPELAÇÃO

O primeiro enunciado selecionado, "Você está sendo enganado na escola. Você está sendo enganado por professores", apresenta estrutura sintática simples, afirmativa e categórica. A ausência de modalizadores (como "talvez", "em alguns casos", "segundo determinados contextos") produz efeito de universalidade.

Do ponto de vista argumentativo, observa-se aproximação com a chamada generalização[20] excessiva: uma categoria social ampla ("professores") é tomada como bloco homogêneo, sem distinções institucionais, regionais ou epistemológicas[21]. A pluralidade interna do grupo é apagada, e a proposição assume valor totalizante.

À luz da definição aristotélica de raciocínio demonstrativo, não há apresentação de premissas que conduzam necessariamente à conclusão. A afirmação não decorre de encadeamento lógico explicitado, mas de enunciação assertiva direta. O efeito de necessidade não é produzido por demonstração, mas por categorização ampla e repetição.

No plano discursivo, entretanto, o enunciado opera de modo mais complexo. O uso reiterado do pronome "você" instaura interpelação direta do auditório. O ouvinte é constituído como sujeito já afetado por uma situação de engano. A ameaça não é abstrata; ela é dirigida individualmente ao interlocutor. Esse procedimento reforça a adesão emocional e desloca o eixo da discussão do plano argumentativo para o plano identitário.

Simultaneamente, constrói-se um ethos de alerta e proteção. O enunciador posiciona-se como aquele que revela uma verdade ocultada, assumindo o papel de mediador privilegiado entre o público e a realidade supostamente distorcida.

[20] A generalização excessiva é, provavelmente, uma das falácias mais utilizadas como estratégia de convencimento, mas é também uma armadilha da linguagem coloquial que coloca os interlocutores como conhecedores do impossível, pois não se tem como saber sobre tudo, nem sobre todos.
[21] Epistemologia é o ramo da filosofia que estuda a origem, a natureza, os métodos e os limites do conhecimento humano.

4.2 “CONTROLE DO PENSAMENTO PELO MARXISMO CULTURAL”: CONSTRUÇÃO DE AMEAÇA DIFUSA

No segundo excerto, o discurso afirma a existência de um “controle do pensamento pelo marxismo cultural[22]” e acrescenta: “Se você pensar diferente, você é banido”.

Aqui se observa a introdução de uma entidade abstrata e totalizante, “marxismo cultural”, apresentada como força estruturante do espaço educacional e social. O termo não é conceituado nem delimitado; sua eficácia reside precisamente na indeterminação, que permite condensar múltiplos significados sob uma mesma designação.

Argumentativamente, pode-se identificar traços de falsa dicotomia: sugere-se que há apenas duas posições possíveis, aderir à suposta hegemonia ideológica ou sofrer banimento. A complexidade do campo acadêmico e social é reduzida a um antagonismo binário.

Há também mobilização de apelo ao medo (argumentum ad metum). A ideia de “controle” e “banimento” evoca perda de liberdade e perseguição simbólica. O argumento não se sustenta por demonstração empírica explícita, mas por dramatização de ameaças.

Do ponto de vista do ethos, intensifica-se a imagem de liderança combativa. O enunciador assume posição de resistência frente a uma estrutura opressiva, convocando o auditório a reconhecer-se como potencial vítima de silenciamento.

Discursivamente, produz-se efeito de verdade por naturalização[23]: a existência do “controle” é apresentada como dado evidente (“existe hoje uma coisa que é séria”), dispensando comprovação adicional. A evidência não decorre de prova, mas de assertividade categórica.

4.3 “SE VOCÊ FOR CONTRA... VOCÊ É RIDICULARIZADO”: POLARIZAÇÃO MORAL E VITIMIZAÇÃO24

No terceiro excerto, o discurso enumera posições morais (“ser contra aborto”, “ser contra práticas homossexuais”) e afirma que tais posições levariam à ridicularização social.

[22] Quando as pessoas usam o termo "marxismo cultural", elas geralmente estão se referindo a uma teoria conspiratória de direita que alega que uma elite de intelectuais e progressistas está tentando subverter os valores tradicionais ocidentais.
[23] Naturalização - É um conceito da filosofia, da sociologia e da análise do discurso que descreve o processo pelo qual uma ideia construída socialmente passa a ser vista como uma verdade absoluta, óbvia e "natural" (texto com auxílio de I.A).
[24] A falácia da vitimização conhecida como “argumentum ad misericordiam” ocorre quando alguém apela à pena, à compaixão ou a uma suposta condição de coitado para vencer um debate ou justificar um erro, em vez de apresentar argumentos lógicos e racionais.

A estrutura condicional ("se você for contra...") seguida de consequência negativa reforça a narrativa de perseguição. A construção sintática simplifica o cenário social, sugerindo que determinadas convicções conduzem inevitavelmente à marginalização.

Observa-se aqui a consolidação da polarização moral. O campo social é dividido entre aqueles que defendem certos valores e aqueles que ridicularizam tais posições. Não há menção a espaços intermediários ou pluralidade de debates.

O efeito discursivo central é a constituição de identidade coletiva ameaçada. O "você" passa a integrar um "nós" implícito, grupo moralmente coerente, porém socialmente atacado. O enunciador fortalece seu ethos de porta-voz desse grupo, reforçando laços de pertencimento.

Ao mesmo tempo, a simplificação das relações sociais contribui para efeito de verdade: a complexidade do debate público é condensada em narrativa de opressão e resistência.

4.4 SÍNTESE INTERPRETATIVA: FALÁCIAS, ETHOS E EFEITOS DE VERDADE

A análise dos excertos selecionados evidencia como o discurso religioso midiático contemporâneo mobiliza estratégias argumentativas que se aproximam de falácias clássicas, sem, no entanto, se limitar a erros formais de lógica. Observa-se que a generalização excessiva, a falsa dicotomia[25] e o apelo ao medo funcionam como mecanismos de simplificação do real, construindo cenários de ameaça e exclusão moral que reforçam a adesão do público e consolidam a autoridade do enunciador.

Ao mesmo tempo, o discurso atua na construção do ethos do líder religioso. A figura do pastor é apresentada como alerta, mediador da verdade e protetor moral do auditório. Essa dimensão relacional evidencia que os efeitos de persuasão não decorrem apenas da coerência ou validade formal dos argumentos, mas da construção de uma imagem de autoridade reconhecida pelos interlocutores.

Os efeitos de verdade produzidos pelo discurso surgem, portanto, da articulação entre estratégias argumentativas e construção do ethos. O público é interpelado não apenas cognitivamente, mas emocionalmente, como sujeito que deve reconhecer e internalizar a narrativa apresentada. A assertividade categórica e a dramatização das consequências funcionam como dispositivos de naturalização: o que é enunciado passa a ser percebido como

[25] A falácia da falsa dicotomia é um erro de raciocínio que acontece quando alguém apresenta apenas duas opções possíveis em uma situação, como se não existissem outras alternativas. falso dilema ou pensamento "preto e branco", essa falácia esconde a complexidade de um problema ao ignorar meios-termos ou soluções intermediárias.

evidente, legítimo e incontestável, independentemente da correspondência factual ou da consistência lógica.

Em consonância com a tradição aristotélica e com a análise do discurso contemporânea, percebe-se que tais falácias não constituem meros desvios do raciocínio, mas instrumentos estratégicos de produção de sentido e de manutenção de regimes de verdade. Elas permitem ao discurso religioso estabelecer relações de poder simbólico[26], influenciar modos de ver e sentir e consolidar posições ideológicas, garantindo a adesão do auditório e legitimando a autoridade do enunciador.

Essa síntese evidencia a pertinência do estudo das falácias no contexto religioso contemporâneo: compreender os mecanismos que estruturam a adesão discursiva e os efeitos de verdade permite mapear como certos enunciados reproduzem padrões de poder, estabelecem identidades coletivas e naturalizam interpretações específicas da realidade social e moral. Nesse sentido, não está querendo se dizer que as falácias são o único recurso ou elemento usado nesse discurso estudado pelo artigo. O fato é que fica muito evidente que o discurso é falacioso e, por isso, fez-se um estudo para localizar os tipos específicos de falácias utilizados e os efeitos que elas produzem nos interlocutores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que falácias argumentativas funcionam como mecanismos de produção de sentido, capazes de mobilizar afetos, consolidar identidades e produzir efeitos de verdade (FOUCAULT, 2013). A articulação entre lógica aristotélica e Análise do Discurso mostrou-se fundamental para compreender a persuasão religiosa contemporânea. Buscou-se investigar como falácias argumentativas operam na construção do ethos e na produção de efeitos de verdade em discursos religiosos cristãos contemporâneos, a partir da análise de um discurso midiático proferido pelo pastor Silas Malafaia. A pesquisa mostrou que, mesmo na ausência de coerência lógica formal, os enunciados analisados conseguem exercer significativa força persuasiva, mobilizando emocional e identitariamente o público-alvo.

As análises realizadas demonstram que falácias como generalização excessiva, falsa dicotomia e apelo ao medo funcionam estrategicamente como dispositivos discursivos que

[26] O poder simbólico é uma forma de dominação invisível que se exerce por meio da cultura, da linguagem e do reconhecimento social, sem o uso da força física. O conceito foi criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para explicar como algumas pessoas ou grupos impõem seus valores e visões de mundo como se fossem naturais e corretos.

simplificam a complexidade social, consolidam identidades coletivas e naturalizam interpretações ideológicas específicas. Esses mecanismos não apenas interpelam os sujeitos, mas também constroem o ethos do líder religioso, conferindo-lhe autoridade moral e legitimação junto ao auditório.

Do ponto de vista teórico, o estudo reafirma a relevância de articular os princípios da lógica aristotélica, especialmente no que se refere à validade formal e à distinção entre raciocínio demonstrativo e sofístico, com os conceitos da Análise do Discurso de linha francesa. A abordagem de Michel Pêcheux e de Dominique Maingueneau permite compreender que a força do enunciado não depende exclusivamente de sua estrutura formal, mas das condições de produção, circulação e recepção, bem como da capacidade de produzir efeitos de verdade e de adesão social. Aristóteles tinha uma compreensão sobre como o sujeito é enganado no discurso, diferente do que nos explica a AD contemporânea, mas há um encontro em um ponto comum que o artigo tenta buscar: o problema de compreensão distorcida de uma uma realidade e sobre pontos centrais da vida humana. De modos que não se está forçando associação de conteúdos, mas se está buscando pontes para análise de discursos que altamente produtores de convencimento e arrebanhamento que levam grupos a se posicionarem e viverem na ilusão ou pseudo verdade.

Em termos metodológicos, o artigo demonstrou que a análise detalhada de excertos discursivos permite identificar padrões de argumentação falaciosa e de construção de ethos mesmo em corpora limitados, oferecendo subsídios para futuras pesquisas que envolvam discursos midiáticos e religiosos. Ao concentrar-se em um recorte específico, foi possível mapear a articulação entre falácia, persuasão e identidade, apontando para o potencial da Análise do Discurso como ferramenta de investigação crítica dos enunciados sociais contemporâneos.

Enquanto a pesquisa caminhava e as ideias e reflexões eram descrita, e é possível que isso ocorra também para quem ler este artigo, tem-se a sensação de ser levado a analisar de imediato outras falas e líderes que têm perfil semelhante e que conduzem uma galera consigo com um discurso carregado de falácias intensionais[27]. Isso em pequenos e grandes grupos, presencial ou on-line. A estratégia do convencimento por meios questionáveis é prática recorrente e requer alertas por parte de quem consegue fazer as devidas análises, aos que são

[27] Intencionais , nesse caso, porque o seu uso é estratégico e não apenas uma erro de argumentação. Pode-se fazer erros argumentativos e acabar caindo em falácias por ignorância ou descuido. Porém, como o artigo defende e explica, em muitos casos isso é usado como estratégia de convencimento e arrebanhamento.

levados por esse discurso como verdadeiras vítimas de uma comunicação carregada de más intenções.

Logo, para usar uma expressão típica da lógica na conclusão de um excerto, a pesquisa contribui para o debate sobre os mecanismos pelos quais discursos religiosos influenciam o comportamento social e a percepção de realidade, reforçando a importância de estudos que articulem lógica, retórica e análise crítica de enunciações. Além disso, abre possibilidades de aprofundamento futuro, incluindo comparação entre diferentes líderes, variação entre mídias e a análise de efeitos sociopolíticos mais amplos decorrentes de tais discursos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Introdução. In: A argumentação no discurso.** Coordenação da tradução: Eduardo L. Piris e Moisés Olímpio Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: A construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Metafísica.** Tradução, introdução e comentário de Giovanni Reale; tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. **Órganon: Categorias - Da interpretação - Analíticos anteriores - Analíticos posteriores - Tópicos - Refutações sofísticas.** Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso.** Campinas: UNICAMP, 1995.

REVISTA FÓRUM. Malafaia faz ataque sórdido a professores no The Send: "Você está sendo enganado na escola". **Revista Fórum,** [S. l.], 2024. Disponível em: https://revistaforum.com.br/brasil/malafaia-faz-ataque-sordido-a-professores-no-the-send-voce-esta-sendo-enganado-na-escola/. Acesso em: 2 mar. 2026.

Submetido em: 11/09/2026

Aprovado em: 21/09/2026